



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LAIS BORDIN DA SILVA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-393

**Entrevistada:** Lais Bordin da Silva

**Nascimento:** 10/06/1992

**Local da entrevista:** UCS – Universidade de Caxias do Sul;

**Entrevistadora:** Daniela Romcy

**Data da entrevista:** 20/03/2014

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Suélen de Souza Andres

**Pesquisa:** Suélen de Souza Andres

**Total de gravação:** Vinte e sete minutos e cinquenta e seis segundos

**Páginas Digitadas:** 9

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início da sua formação; Profissionalização no Handebol; Competições; Handebol feminino e os meios de comunicação; Papel das Federações em relação ao Handebol; Incentivo ao esporte; Rio Grande do Sul e o Handebol; Handebol masculino da UCS; Competições que já participou; A participação Brasil no Handebol; Atletas da sua geração; Como surgiu o amor pelo Handebol.

Caxias do Sul, 20 de março de 2014. Entrevista com Laís Bordin da Silva a cargo da pesquisadora Daniela Romcy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D. R. – Eu queria que tu me falasse um pouquinho da tua formação e do tempo que tu já dedicas ao Handebol feminino, da tua passagem por outros times ou outros clubes no Rio Grande do Sul até chegar à UCS<sup>1</sup>.

L. S. – Bom, comecei pequena, faz uns dez anos que pratico esse esporte. Tudo começou quando fiz uma transferência de colégio, fui para o Colégio Santa Catarina, aqui em Caxias do Sul, escola que minha irmã estudava na época. A minha irmã na época já praticava esportes na escolinha do Santa Catarina, ela comentou comigo sobre a escolinha, achei interessante e resolvi participar. Nessa época conheci o Gabriel Citton e a Isabel Spies. O Brasa<sup>2</sup> conheci quando me ofereceram a oportunidade de vir fazer teste aqui na faculdade, que na época eles faziam uma espécie de peneira. Seleccionavam alguns destaques das escolas, onde eles tinham escolinhas de Handebol e faziam uma seleção no ginásio da Universidade. Quem eles achavam que tinha condições de permanecer para poder disputar estaduais, brasileiro eles traziam para treinar junto com a equipe de base da Universidade. Depois eu vim para cá e comecei a jogar estaduais gaúchos, joguei os brasileiros...

D. R. – Veio para cá em que ano?

L. S. – Deixa-me ver, acho que foi em 2005 mais ou menos, é faz uns dez anos, 2005 para 2006 que vim para cá, jogar pela UCS. Em 2007 apareceu a oportunidade de jogar pela Seleção Gaúcha, estavam fazendo um Torneio Brasileiro, um Pan-americano brasileiro assim dizendo, um Campeonato Brasileiro de Seleções. Nesse campeonato participava seleções de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e outros, nisso fizeram a seleção do Rio Grande do Sul e eu tive a felicidade de ser convocada com outras atletas, alguma colegas de equipe e outras do Rio Grande do Sul. Ficamos em terceiro nessa competição, e a Seleção Gaúcha me abriu portas para a Seleção Brasileira. Cheguei a ser convocada em 2007, mas não tive a oportunidade de jogar em jogos oficiais. Só as fases de

---

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul.

<sup>2</sup> Rafael dos Santos.

treinamento. Depois, em 2008, tive a oportunidade de participar das fases de treinamento e disputar os Jogos Pan-americanos. Em 2009 eu participei do Mundial de Clubes que é o Mundialito, que ocorreu na Itália. Em 2010 eu participei dos Jogos Pan-americanos Juvenil e do Mundial Juvenil que foi na República Dominicana e em 2012 eu participei do Mundial Júnior que aconteceu na República Tcheca e no Pan-americano que aconteceu na República Dominicana novamente. Em 2012 também teve Jogos da Juventude, que acontece para procurar atletas que possam participar de Olimpíadas no futuro, então, é como se fosse uma preparação para que lá na frente quem gostasse, quem se preparar para disputar uma Olimpíada começar desde jovem. As Olimpíadas da Juventude de Singapura foi em 2012 também, acho que é isso, eu particularmente sempre joguei aqui pela Universidade, nunca joguei por outras equipes.

D. R. – Tu te consideras uma atleta profissional? E o que tu entende por profissionalização dentro do esporte?

L. S. – Acho que atleta profissional, sim! O que eu entendo por atleta profissional é aquele atleta que tem um vínculo com uma equipe. Por exemplo, eu estudo e tenho a minha vida, mas se tem um jogo e a equipe precisa de alguma coisa, tenho que cumprir com as responsabilidades que combinei com o clube, tenho que representa-lo! Acho que para mim o profissionalismo é isso.

D. R. – Como que tu vê a possibilidade, por exemplo, dessas meninas que vivem do Handebol, tu acha viável, tu acha difícil, como tu consideras isso?

L. S. – Bom, conheço pessoas de diferentes lugares do Brasil. Por ter tido muitas oportunidades de ter viajado quando eu era mais jovem...

D. R. – Se tu quiseres trazer essas experiências também.

L. S. – Sim! Mas que nem agora a Seleção Brasileira de Handebol recentemente foi campeã mundial, é uma coisa bem nova para o Brasil. Porque na minha visão a gente não tem muito investimento, nossa Liga Nacional ainda é um pouco desorganizada e fraca em relação aos times europeus, então eu acho que agora quem sabe com o Campeonato

Mundial que o feminino ganhou e disputou lá na Europa tende a crescer o esporte. Claro que falta muita coisa, falta apoio aos clubes, incentivo, patrocínios, lugares para praticar o esporte, lugares para as atletas ficarem, alojamentos, casas, apartamentos, enfim, acho que falta um pouco, o nosso país deixa a desejar. Não só no handebol, mas no esporte em geral. Participei de mundiais, e a Europa é realmente outro nível de esporte, é profissionalismo mesmo, se tu jogas lá, tu só jogas, não tem essa vida de trabalhar, estudar, é um sustento próprio lá. Aqui tu ainda consegues receber uma ajuda de custo, como a gente chama, mas tu podes trabalhar fora, dar uma estudada para poder continuar, sabe? Lá fora não, lá é bem mais avançado, mas acredito que com essas conquistas, com essa mídia que o Brasil tem conquistado, acho que isso pode crescer.

D. R. – E nas competições que tu já jogaste aqui no Rio Grande do Sul e no Brasil, como é o interesse do público em relação ao Handebol? Tem público?

L. S. – Me surpreendi nos nossos primeiros anos, quando começamos disputar a Liga Nacional em 2010, em dois ou três anos, se não me foge a memória, tivemos a maior média de público da Liga. Um público que era novo na Universidade, até porque a faculdade sempre incentivou muito o pessoal que tinha aula de Handebol, ou desportos coletivos à noite. Então, o pessoal saía da faculdade, da aula para vir assistir os jogos, nós tínhamos uma média de público muito boa, mas quando tu vais jogar fora. No Paraná tem uma média boa de público também, mas é a média de público da cidade, se tem jogos e a equipe local vai jogar tem uma média de público boa. Mas, se são jogos de equipes de fora, o público praticamente se torna os próprios atletas das outras equipes que ficam para observar os jogos.

D. R. – Como é que tu vê a relação do Handebol feminino e os meios de comunicação?

L. S. – Aqui não sei como funciona. Mas quando as equipes fazem a inscrição na Liga Nacional, se eu não me engano, anteriormente era assim, agora não sei. Por que, a Globo comprou os direitos de imagem do Handebol na Liga Nacional. Antes era transmitido pela ESPN, então quando tu jogavas a Liga Nacional tinhas direito de transmitir um jogo pela ESPN Internacional. Alguns jogos eram transmitidos até pelo canal da UCS, mas não todos, só alguns. Então, os jogos que eram transmitidos às pessoas viam, e depois do jogo

vinham conversar com a gente, e perguntavam do jogo e tal, nada muito grande, bem básico, até porque era transmitido por uma “tv” pequena. Mas agora não sei como é que ficou o direito de imagem, se eu não me engano foi a Globo que comprou, acredito que tente a crescer, até por causa Olimpíadas o Brasil vai sediar, tem bastante gente falando que o Brasil tem muita chance.

D. R. – E como que tu vê o papel da Federação Gaúcha de Handebol, e a Confederação Brasileira no cenário do Handebol feminino. Qual a função deles? O que eles fazem?

L. S. – Como te falei anteriormente, ainda falta um pouco de organização da nossa Confederação Brasileira e da Federação Gaúcha. Que nem, por exemplo, eu até estava conversando com vocês anteriormente, eles colocaram dois torneios importantes, os JABS, que é os Jogos Abertos Brasileiros e a Copa do Brasil na mesma data. Dois torneios que abrange o Brasil inteiro, tu vê que faltou comunicação. Não porque deixa a desejar, mas é só a organização mesmo.

D. R. – Na tua opinião o que poderia ser feito, para que o Handebol se constituísse uma possibilidade concreta de profissão para a mulher?

L. S. – É eu acho que falta bastante investimento, não só das empresas, mas do governo, do incentivo ao esporte que tem no Brasil. Hoje em dia, para quem joga Handebol é até um pouco triste, sabe? Porque todo mundo pensa do Brasil, como o país do futebol, o Brasil do vôlei. Como eu estava comentando com meus pais, o Brasil foi campeão mundial, fizeram uma semana de entrevista com as meninas do Handebol e acabou por ali, foram aqueles quinze minutos de sucesso. Mas se fosse o Futebol, eu acredito que seria um mês, uma semana de comentários e festas. Eu acho que falta principalmente falta mídia, divulgação, transmissões de jogos. Porque o Esporte Interativo transmite alguns jogos europeus, mas não transmite jogos brasileiros, então falta mídia, incentivo, patrocínio. Que às vezes uma competição é meio cara para participar, às vezes a equipe é boa, tem boas atletas, mas não tem verba suficiente para participar da competição. Falta essas coisas que falei.

D. R. – Na atualidade quais cidades do Rio Grande do Sul o Handebol tem maior projeção?

L. S. – Aqui em Caxias do Sul, porque nós jogamos a Liga Nacional já faz uns cinco anos, desde 2010. Tem o Recreio do Juventude<sup>3</sup> que sempre teve uma boa base, uma camisa pesada, um histórico de vitórias dentro de competições no Rio Grande do Sul. Santa Maria teve equipes boas, tanto no masculino como no feminino, ultimamente mais no masculino do que no feminino. A equipe de Capão da Canoa também sempre teve boas equipes, mas até a categoria de base, porque nunca conseguiu investir em categorias adultas. Mas, participam em Campeonatos Gaúchos, Campeonatos Brasileiros e estão sempre entre os melhores. Deixa-me ver, talvez Porto Alegre, mas, Caxias e Santa Maria são os pólos, tem a Feevale de Novo Hamburgo que joga na Liga Nacional, que tem um feminino bom também, mas não tem o masculino tão bom. Mas é isso, Caxias, Novo Hamburgo e Santa Maria.

D. R. – O que tu podes contar sobre o Handebol do Rio Grande do Sul? Quando tu achas que iniciou um período de maior visibilidade, ele começou a ser mais praticado por clubes e nas escolas?

L. S. – Pelo que me lembro e do que o Gabriel fala com a gente, o projeto daqui de Caxias do Sul começou em 1996, se eu não me engano. Eu acredito que depois de uns dez anos da iniciação do projeto, o projeto expandiu bastante. Porque fizeram muitos núcleos, não só nos colégios, mas em Bento Gonçalves, Farroupilha, Carlos Barbosa, são muitos núcleos. Ali por 2006 que abrangeu, cresceu bastante, até porque a geração anterior a minha teve outras atletas que participaram da Seleção Brasileira, então, acho que naquela geração, antes da minha, por 2005 foi onde o esporte gaúcho começou a crescer e teve as convocações mais frequentemente para a Seleção Brasileira, acho que mais ou menos por ali.

D. R. – E aqui na UCS tem Handebol masculino também?

L. S. – Eu não sei como está agora o masculino, porque tinha o masculino só que por motivos de estudos até porque não tem verba para manter o pessoal. Chega uma época que ou tu tentas manter a tua vida, ou tu tenta seguir a tua carreira de atleta e no masculino não conseguiu fluir tanto quando o feminino. Acho que tem a categoria Juvenil ou Júnior, mas

---

<sup>3</sup> Clube Recreio da Juventude , Caxias do Sul (RS).

é que eles veem quando eles conseguem vir, não é aquele compromisso de vir em todos os treinos, eles se reúnem quando possível.

D. R. – Me conta um pouco sobre as competições que a UCS já participou e as conquistas de vocês?

L. S. – Deixa-me pensar. O Campeonato Gaúcho que a gente vem disputando desde que começou o projeto bem lá no começo, até porque eu não sei muito, mas a minha geração e de umas anteriores, tem os Campeonatos Brasileiros que a UCS já foi campeã, já fui campeã na categoria Júnior, em 2010, mas, anteriormente a UCS já havia sido campeã, acho que foi no Cadete ou no Juvenil. Em relação à participação na Liga Nacional, se torna um pouco difícil nas categorias de base participar de Brasileiros, porque ou tu fazes investimento no adulto, ou tu fazes investimento nas categorias de base, então, o Gabriel optou por manter a Liga Nacional que é um campeonato forte, que é um campeonato que trás mídia. Então, agora esse ano, se eu não me engano, as gurias do Juvenil vão participar do Campeonato Brasileiro, não sei quando vai ocorrer não tem data definida ainda, mas a UCS sempre participou de Campeonatos Brasileiros, Campeonatos Gaúchos, o Sul Americano, o Mercosul. Esse ano então tem o Brasileiro Juvenil, a Liga Nacional, Copa do Brasil que também seria adulto, e o JABS é adulto, então, acho que de categorias de base só o Juvenil que vai participar do Brasileiro.

D. R. – Pensando no Handebol como um esporte Olímpico, como é que tu vê a participação do Brasil tanto no masculino quanto no feminino?

L. S. – Depois que o técnico da Dinamarca o Morten Soubak assumiu o feminino do Handebol do Brasil, ele já havia participado das categorias de base junto com a gente, frequentava os treinos, até dava uns treinos. Mas a vinda de técnicos estrangeiros para o Brasil deu para ver o grande avanço que o Brasil teve no feminino. Talvez se tu pegares o feminino nos últimos dez anos, ele deu um passo gigantesco. No Mundial anterior que foi disputado no Brasil, em 2011, o Brasil nunca tinha ficado entre os oito, e conseguiu ficar em quinto, se eu não me engano. Até foi feita uma estatística das colocações que o Brasil ficou nos Mundiais femininos, o avanço foi *enorme*, a melhor colocação tinha sido em sétimo, e tu sair de sétimo para o quinto lugar dentro do país. Para nós brasileiros, que não

tem a mesma tradição europeia, é um salto enorme, e de um Mundial para outro tu conseguir avançar do quinto para o primeiro, é um *nossa*, sem palavras. Para quem é do esporte aqui do Brasil torceu, acompanhou. No masculino falta um pouco disso, falta trazer alguém de fora, que tenha mais experiência, que conheça mais do esporte, que viva mais do esporte, porque o masculino está fraco nos Mundiais. E o feminino o pessoal já joga toda na Europa, acho que tem duas ou três atletas que jogam no Brasil, que agora devem ir jogar no exterior, e do masculino não, no masculino a maioria joga no Brasil. Aqui no Brasil para tu poder continuar uma carreira ou vai jogar fora do Brasil para crescer e se destacar, ou acaba acontecendo como a maioria, que acaba chegando até certa etapa, que não tem mais lucro, não consegue mais se sustentar nessa carreira e opta por estudar e acho que é isso que acontece no Brasil. É o acontece no masculino, não tem tantos brasileiros jogando fora do país como tem no feminino, fora que o feminino tem o técnico que trouxe muita experiência para o Brasil. Então acho que a diferença do masculino para o feminino seria isso, trazer um pouco mais de experiência. O pessoal jogar fora e trazer para cá, acho que é isso.

D. R. – Tu falaste também no início dessas experiências que tu tiveste com a Equipe Brasileira, Juvenil?

L. S. – Isso!

D. R. – Dessa tua geração de meninas. Tu sabes mais ou menos o destino delas, elas foram jogar fora, elas estão jogando em outros clubes aqui no Brasil?

L. S. – Algumas até sei, porque no Brasil tu acabar trocando muito de clube, na região de São Paulo principalmente. Mas tem umas três atletas que participaram do Cadete até o Júnior comigo na Seleção de base, que estavam na conquista do último Mundial, o de 2013. Uma está jogando em Goiânia, Goiás, outra joga no Metodista em São Paulo e outra está jogando fora, na Rússia, se eu não me engano. Tem mais, me deixa ver, tem a Juliana Malta que foi para a Polônia, ela jogava no Metodista de São Bernardo. Tem algumas atletas que jogaram aqui com a gente, da nossa equipe e foram jogar no exterior, uma foi para a Espanha, outra para Hungria, eu conheço bastante gente. Tem até uma atleta na nossa equipe que ela jogou na Espanha quatro anos e voltou, está voltando de cirurgia, se

recuperação de uma lesão, ela voltou para o Brasil para se recuperar, e surgiu a oportunidade dela vir treinar com a gente. Tem muita gente que foi para fora da minha geração, algumas encaram. Uma que foi para clube do Morten, o Hypo da Áustria, a Franciele Rocha, que é da minha geração. Então, algumas saíram, algumas optaram por ficar, mas bastante gente saiu, creio que umas sete ou oito chegaram a sair para fora depois do Júnior.

D. R. – Porque é que tu pensaste que diante de outras opções, o Handebol seria o teu lugar por um tempo?

L. S. – Na verdade comecei porque a minha irmã jogava, então, participava mais pela minha irmã, por poder ficar junto com ela, acompanhar ela, viajar com ela também, mais por família no começo. Mas, depois tu acabas interagindo com o pessoal, com as atletas, conhecendo lugares e acaba se apegando. Não tem um esporte que a pessoa goste de praticar que não acabe se apegando. Para mim, foi muito isso, poder conhecer lugares, viajar, conhecer pessoas, acredito que o Handebol abriu portas para mim de lugares que talvez eu nunca pudesse ter imaginado conhecer. A própria Europa, quando a gente viajou para os Campeonatos Internacionais. Foi isso, foi mais por sociedade, conhecer pessoas de fora, conviver, saber como é que é o esporte em outra cidade. Até porque o Handebol, quando cheguei à Universidade ele me acolheu bastante, eu era bem quieta, e a parti dele consegui ser eu mesma. E muito pelas viagens mesmo, algumas são únicas, não voltam mais. As pessoas que conheci que hoje talvez eu não fale tanto, mas só por ter conhecido, conviver com aquela pessoa acho que valeu apenas, acho que foi por isso. Minha família sempre me apoiou, mãe, pai, sempre me incentivaram e ajudaram, as vezes é isso, ter incentivo de casa, da família, dos pais acho que ajuda tu teres esse pacote, acho que é isso.

D. R. – Tu fazes faculdade do que aqui?

L. S. – Eu faço faculdade de Engenharia Civil, que não é nada a ver com o esporte. [riso]

D. R. – Tem outra coisa que tu gostarias de compartilhar com a gente, que tu achas importante? Sobre a tua trajetória de vida, sobre a trajetória do clube, alguma coisa.

L. S. – A única coisa que eu acho interessante seria que o pessoal pudesse ajudar a divulgar bastante, porque às vezes tu ter o ginásio lotado, ter um pessoal que acompanha às vezes é legal, é importante para a equipe, para ti, para tudo em geral. Mas, acho que quanto mais o pessoal conseguir divulgar, como vocês, que estão fazendo um projeto legal, bacana, que busca lá do começo da história. Tudo tem um começo para na frente à gente poder colher os frutos, então acho que é divulgar bastante. E agradecemos por vocês terem vindo até aqui para fazer a pesquisa, e acho é isso, que quanto mais o pessoal conseguir divulgar, acho que o esporte só tem a crescer no Rio Grande do Sul e no Brasil.

D. R. – Nos que agradecemos a oportunidade.

L. S. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]